



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ASSASSINA, PROSTITUTA, AIDÉTICA: O CASO SILVANA ATRAVÉS DAS PÁGINAS POLICIAIS DO JORNAL *DIÁRIO CATARINENSE* (FLORIANÓPOLIS, 1986 - 1988)

Igor Henrique Lopes de Queiroz*

1

UM ASSASSINATO BRUTAL

Centro de Florianópolis, madrugada de 04 de novembro do ano de 1986. Na esquina entre as ruas Tiradentes e Hercílio Luz, uma troca de ofensas morais entre três pessoas torna-se em poucos minutos uma luta corporal. Cansada de apanhar e ser humilhada em público por Cárida Cleide e buscando ajudar sua amiga Malvina, esta noite a vítima das agressões, Silvana apanha um pedaço de paralelepípedo de aproximadamente 3 quilos do chão e desfere um golpe na cabeça de Cárida, que se desequilibra e cai. Aproveitando a desvantagem da rival e temendo uma possível vingança, Silvana resolve continuar a golpear-la até que ela desfaleça. Um soldado da Polícia Militar, que fazia a guarda de um prédio da Rua Tiradentes e assistia a tudo desde o início, liga para a polícia, que logo chega para prender Malvina e Silvana e prestar os primeiros socorros à vítima. Em vão: Cárida Cleide não resiste e morre minutos depois.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGH-UFSC. Bolsista CNPq.

No dia seguinte, o assassinato ganhou destaque na seção policial do jornal *Diário Catarinense*, com fotos das protagonistas do episódio. Em sentido horário, primeiro aparece Silvana, cabelos longos e claros, algemada, mas com as mãos delicadamente dispostas, uma no queixo e outra na perna. Olhava para baixo e parecia falar de forma veemente ao ser capturada em uma foto esteticamente pouco favorável; em seguida Malvina, que olhava desafiadoramente para a câmera e parecia ajeitar os cabelos; logo abaixo de Silvana, uma pequena foto com o rosto de Cárida Cleide e, ao lado, a foto de uma pedra, a arma do rude crime.

Curiosa e confusamente, a contracapa do jornal contradizia o próprio texto que acompanhava tais imagens e foi acima descrito: intituladas como assassinos da madrugada, logo abaixo das imagens de Silvana e Malvina lemos que elas teriam matado um amigo a pedradas. Os deslizos de gênero nas palavras assassinos e amigo não são meros descuidos, mas a forma utilizada pelo periódico para enfatizar o trânsito de gênero das protagonistas da notícia em questão, intitulada *Briga entre travestis termina em homicídio*.¹ De forma insidiosa, o periódico criava e punha em circulação em sua contracapa determinada representação² sobre este crime e as travestidas personagens nele envolvidas. Deliberadamente mentira.

2

UM NOVO JORNAL HETERONORMATIVO

Em 05 de maio de 1986, dentro do Parque Gráfico Maurício Sirotsky Sobrinho, localizado em Florianópolis, a rotativa *Goss Urbanite* começou a rodar a primeira edição de um novo jornal.³ Surgia o *Diário Catarinense*, estruturado em seus anos iniciais aqui abordados a partir das seguintes seções fixas e diárias: *Capa, Visor, Geral, Editoriais, Opinião, Política, Mundo, Economia, Esporte e Polícia*. Durante o ano de 1988, as páginas finais do jornal passaram a ser dedicadas a *Horóscopo e Tempo* e à

¹ Briga entre travestis termina em homicídio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 nov. 1986, p. 47.

² Representações enquanto construções a partir de interesses de determinados grupos, que as forjam para classificar, dividir, delimitar a apreensão do mundo social, a percepção e apreciação do real, do outro e do espaço, a partir de discursos, estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, a legitimar um projeto ou a justificar escolhas e condutas. Para tal, ver: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002, p. 17.

³ DC: dedicação em 735 edições. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio 1988, p. 03.

seção policial foi acrescida 1 página, passando a 3 no total. Terças, quintas, sábados e domingos, eram publicados os *Classificados*.⁴ O jornal também possuía cadernos como o *Suplemento de Variedades*, a *Revista da Tevê* e outros, além dos chamados cadernos especiais, com assuntos variados como vestibular, tabelas de preços da SUNAB ou enfocando doenças como a AIDS.

A proposta do jornal *Diário Catarinense* era trazer um jornalismo imparcial e de qualidade para o Estado de Santa Catarina. Em suas palavras,

A confiança da opinião pública é o mais valioso patrimônio de um jornal. O DC [...] prima pela exatidão e isenção nas informações levadas aos seus leitores [...] A imparcialidade e confiabilidade no noticiário veiculado, colhe seus resultados com a resposta positiva e estimulante que os leitores dão [...]⁵

Esta resposta estimulante a que o periódico se refere diz respeito especialmente à rápida ampliação de seu número de leitoras, leitores e anunciantes, transformando em poucos meses o *Diário Catarinense* em líder de mercado da mídia impressa no Estado.⁶ Inovador sob o ponto de vista tecnológico de produção para a época, o jornal foi lançado pelo Grupo Rede Brasil Sul (RBS) já totalmente informatizado.⁷ Tecnologia inédita na maioria das redações do país, a utilização de computadores permitia que sua sede, em Florianópolis, estivesse interligada a sucursais em Joinville, Blumenau, Lages, Chapecó e Criciúma, simultaneamente:

Pela primeira vez na história de Santa Catarina as regiões mais afastadas da capital [...] passaram a receber diariamente as notícias internacionais, nacionais e estaduais, inclusive das [...] próprias cidades.

Com a deficiência no sistema de rádio, caracterizando nosso Estado como um dos poucos onde não existe uma emissora que tenha abrangência simultânea em todo o território catarinense, o *Diário Catarinense*, passou a cobrir essa lacuna com grande eficiência, realizando uma verdadeira integração no Estado, inclusive com a interiorização [...] através de sucursais.⁸

⁴ Descrição feita a partir do *Índice* do periódico. Para tal, ver: Índice. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 08 ago. 1988, p. 02.

⁵ Credibilidade pública. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 mar. 1988, p. 02.

⁶ *Diário Catarinense* lidera mídia impressa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1987, p. 23.

⁷ Para tal, ver: Para tal, ver: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 254.

⁸ Integrando Santa Catarina. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 maio. 1988, p. 39.

Para conhecer e estabelecer um diálogo com seu público alvo, distribuído por todo o Estado, o jornal não apenas divulgava correspondências enviadas por leitoras e leitores, selecionadas, editadas e publicadas em *Cartas*, parte da seção *Opinião*,⁹ mas também divulgava pesquisas sobre imprensa escrita de Santa Catarina realizadas pelo IBOPE¹⁰ e lançava questionários, para serem respondidos e devolvidos ao jornal.¹¹ O elo entre as diversas regiões do Estado e o alcance de parcelas significativas da população catarinense pertencentes a grupos sociais distintos permitiriam ao jornal construir redes de sociabilidades e massificar padrões, comportamentos e cotidianos.¹²

Um desses padrões divulgados e reforçados seria a heterossexualidade, presente em textos e imagens, como pode ser percebido em um comercial do sistema *RBS TV*, afiliado da *Rede Globo* e pertencente ao grupo responsável pelo jornal, cujo texto afirmava ser a televisão um “espelho que reflete o que temos e o que somos” e que levaria o homem ao futuro, intuitivamente ilustrado por um homem e uma mulher de lábios colados em clássico, comportado e romântico beijo.¹³ Somos heterossexuais e no futuro continuaremos a sê-lo, indicava a imagem.

Por vezes, no entanto, os textos veiculados chegavam ao limiar da misoginia:

Poucos são os corajosos para admitir que diante da espera do primeiro filho digam que aguardam uma menina. A torcida pelo filho homem é unânime [...] E o mais estranho é que as mulheres alimentam, tanto quanto os homens, esse sentimento preferencial, senão mais que os homens. [...] Vivemos numa sociedade machista muito mais por culpa das mulheres que dos homens. [...]¹⁴

O jornalista culpava as mulheres, limitadas em seu texto especificamente à função de mães, por terem a machista e frívola atitude de enfeitarem suas filhas como a apresentadora infantil Xuxa e se preocuparem pouco com a educação das meninas, mas

⁹ A título de exemplo, ver: **Diário Catarinense**, Florianópolis, 09 maio. 1987, p. 06.

¹⁰ Pesquisa IBOPE. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 mar. 1988, p. 25.

¹¹ Pesquisa. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 24 set. 1988, p. 02.

¹² Para tal, ver: SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2010, p. 86-87. Disponível em: < <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0370-D.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

¹³ Dê uma olhada na janela. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 abr. 1987, p. 13.

¹⁴ PRATES, Luís Carlos. Goleiros e mulheres. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 02 ago. 1988, p. 38.

como seu assunto era goleiros, resume seu pensamento afirmando serem os goleiros “como filhas mulheres. De antemão, ninguém quer”, para iniciar sua elucubração sobre futebol.

Além disso, fotos de corpos femininos usando minúsculos biquínis, fazendo *topless* ou usando roupas molhadas e transparentes sem vestígio de estarem com roupas íntimas eram utilizadas para ilustrar a quase totalidade das reportagens que fizessem qualquer menção ao verão, a ondas de calor em Santa Catarina, a praias do Estado ou mesmo a suas cachoeiras, vinculando imagens de mulheres que provavelmente se adequavam aos padrões de beleza física de jornalistas e seu provável público à noção de uma natureza rica e exuberante encontrada nas terras catarinenses, em geral acompanhadas de textos como “Domingo, dia de refrescar os olhos, corações e mentes, que ninguém é de ferro. Se fizer sol, o apelo irresistível das praias catarinenses. Haja saúde!”¹⁵ ou “O surfista Nemo do Tombo confere o visual na Joaquina”,¹⁶ a primeira referindo-se a uma molhada banhista de biquíni na praia, a segunda a um surfista que desviara seu olhar para as nádegas de duas moças que por ele passavam no momento em que foi fotografado. Em termos chulos, um novo jornal feito para machos. Academicamente falando, um periódico que buscava satisfazer imagetivamente demandas masculinas de desejo, a partir da heterossexualidade enquanto norma.¹⁷

Se corpos femininos *seminus* eram objetos ilustrativos da exuberante e irresistível natureza catarinense, o que aconteceria quando a heteronorma era burlada e sujeitas¹⁸ desviantes adentravam o espaço redacional?

¹⁵ **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 nov. 1988, p. 02.

¹⁶ **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 set. 1987, p. 36.

¹⁷ Parto da noção de heteronormatividade enquanto processo invisível de produção e reiteração compulsória da heterossexualidade, tida como a norma que seria natural e legítima para orientar o desejo e as práticas sexuais dos indivíduos a partir de seu sexo biológico, dividido binariamente em masculino e feminino. Para tal, ver: LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 84-93.

¹⁸ Neologismo utilizado como tentativa de subverter o predomínio do masculino e o silenciamento do feminino da língua portuguesa.

QUANDO A TRAVESTI SE TORNA NOTÍCIA

Assaltantes, doentes, prostitutas, possessoras, escandalosas, anormais, enganadoras, assassinas, promíscuas, drogadas, aidéticas, baleadas, espancadas, mortas. A exposição midiática proporcionada pelo *Diário Catarinense* daquelas que ousaram subverter os modelos considerados adequados para homens e mulheres ao se travestir demarcou, em geral, duas principais representações que estabeleceram posições-de-sujeito¹⁹ bastante específicas: de um lado, as numericamente superiores, perigosas e violentas criminosas; de outro e em número bem menor, as histórias em geral sem continuidade de crimes que as transformaram em vítimas, quase sempre não solucionados ou cujos desenrolares não interessaram ao periódico divulgar. Em mais de uma centena de notícias, apenas a história de E.R.K., em realidade uma transexual que se submeteu a uma cirurgia de adequação genital em Florianópolis no mês de setembro de 1988, escapou das posições acima elencadas, por dois prováveis motivos: primeiro sua proximidade a certo ideal de beleza, delicadeza e feminilidade; segundo, a possibilidade de explorar sua história e aumentar as vendas do periódico por vários dias seguidos, incitando a curiosidade a seu respeito por meio de entrevistas com a transexual, o médico que a operou ou a divulgação de opiniões a respeito de sua adequação corporal.²⁰ Mesmo em períodos de certa suspensão das convenções sociais e afrouxamento dos padrões de moralidade, como os carnavais,²¹ algumas notícias retratavam tais sujeitas como seres de sexualidade exacerbada e quase incontrolável, que extrapolavam os poucos limites restantes e desvirtuavam o espírito de descontração e alegria, ao realizarem gestos obscenos demais ou se exporem em *strip-teases* desnecessários.²² Assim, a quase totalidade das notícias que as envolveu, com raras

6

¹⁹ Entendidas como pontos de apego temporário que buscam suturar os sujeitos dentro de determinados fluxos discursivos, produzindo identidades. Para tal, ver: HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

²⁰ Como exemplo, ver: E.R.K.: “Eu sempre fui uma mulher”. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 set. 1988, p. 12.

²¹ Parto de uma perspectiva bakhtiniana para tais afirmações. Para tal, ver: BAKHTIN, Mikhail. Introdução - Apresentação do Problema. In: _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993, p. 1-50.

²² Como exemplo, ver: Baile dos *Enxutos*, o maior deboche. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 1987, p. 22.

exceções, só pode ser encontrada nas páginas policiais do jornal, este boletim cotidiano de alarme ou de vitória, criado para impor à percepção, tornar próximos, presentes em toda parte e temíveis os atos e praticantes da delinquência, muito familiares, mas ao mesmo tempo completamente estranhos, perpétua ameaça e paradoxalmente longínquos e exóticos,²³ como a travesti Silvana.

A DESCONTROLADA, ASSASSINA, LADRA, PROSTITUTA E AIDÉTICA SILVANA

O assassinato de Cárída Cleide foi a segunda aparição de Silvana no jornal. Em setembro de 1986, ela havia se tornado notícia por ter descoberto que seu namorado paquerava uma mulher. Ao pedir conselhos à família, ouviu que deveria abandoná-lo, pois “namorar um homem não é direito”. Muito irritada, Silvana ou, como o jornal a descreveu, “o travesti Joaquim Espíndola, 22” quebrou móveis e janelas. Detida e levada ao 1º DP da cidade de São José, Grande Florianópolis, a notícia informava que os policiais encontraram uma faca em seu poder.²⁴ Descontrolada, armada, perigosa – até então, nenhuma novidade para a produção discursiva do jornal a respeito das travestis – ela era apenas mais uma.

Após o homicídio de Cárída Cleide, Silvana passou 4 meses na Cadeia Pública de Florianópolis. Foi posta em liberdade para aguardar o julgamento, mas em julho de 1987 seria presa novamente, desta vez acusada de ter assaltado um mecânico.²⁵ Assassina e assaltante, a criminosa foi encaminhada ao presídio. Sua história e seu nome seriam relegados ao silêncio, mas não por muito tempo.

Muito magra, pálida, apresentando debilidade física e problemas pulmonares, em março de 1988 Silvana foi levada da Cadeia Pública, onde dividia cela com mais 3 sentenciados, para o Hospital Nereu Ramos. Segundo a notícia, não era sua primeira internação, mas o interesse em trazer Silvana novamente para o espaço redacional, ao que tudo indica, foi uma novidade: a possibilidade de ela ter o vírus HIV, como indica o

²³ Para tal, ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 237-238.

²⁴ Inconformado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 set. 1986, p. 43.

²⁵ Travesti preso por assalto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 jul. 1987, p. 30.

título da notícia, *Preso da Cadeia Pública com suspeita de AIDS*.²⁶ Dois dias depois, sua história sai das páginas policiais e vai para uma das primeiras seções do jornal, que noticia que Silvana estava isolada e proibida de receber visitas no Hospital, algemada à cama e que se suspeitava ter ela contraído o vírus na cadeia. O resultado de seu exame, no entanto, seria divulgado apenas para ela.²⁷ Não foi o que aconteceu: em 10 de março a terceira página do jornal anunciava *Confirmado: preso está com AIDS*. Em tom alarmante, a notícia informava que o diretor da cadeia determinara a coleta de sangue em massa, ou seja, todos os 169 detentos da Cadeia Pública realizariam o teste para detectar a presença ou não do vírus.²⁸

Lentamente, as representações sobre Silvana e suas posições-de-sujeito se transfiguravam. Em 11 de março, a capa do jornal prometia *Revelações do presidiário aidético*.²⁹ Silvana passou a ser chamada de travesti com AIDS ou o aidético, e a notícia afirmava que ela temia retornar ao presídio e ser assassinada por outros presidiários, pois havia mantido relações sexuais com, no mínimo, 11 outros detentos, que segundo ela a ameaçaram com barras de ferro para consumir o ato. Em determinado aspecto, tal notícia inovou a produção do jornal a respeito das travestis. Silvana seria a primeira ainda viva a ter partes de sua história de vida divulgadas: sem 4 dentes, magra e aparentando 20 anos a mais, Silvana confessaria arrependida, segundo a jornalista, que saíra de casa aos 11 anos para seguir a carreira de travesti. Tinha oito irmãos e não queria falar sobre o pai, que a abandonara há 12 anos. Filho mais calmo, segundo a mãe Noêmia, não escondia que gostava de homens desde criança. Estudara até a 8ª série na escola estadual de Picadas do Sul e recebera o nome Silvana aos 13 anos de outras travestis, em uma rua de Porto Alegre, para onde fugira. Vivera também em São Paulo, Curitiba e Joinville. Em Florianópolis, seus pontos eram a Avenida Hercílio Luz e a Praça XV de Novembro. Antes de ser presa, bebia, fumava, usava drogas, perdia inúmeras noites de sono e tinha certeza que contraíra o vírus quando estava em liberdade. Sentia-se rejeitada e queria ir para a casa de uma irmã ou da mãe ao sair do

²⁶ Preso da Cadeia Pública com suspeita de AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 03 mar. 1988, p. 38.

²⁷ Polícia isola detento com suspeita de AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 05 mar. 1988, p. 09.

²⁸ Confirmado: preso está com AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 mar. 1988, p. 03.

²⁹ Revelações do presidiário aidético. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 mar. 1988, p. 01.

hospital. De acordo com o texto, Silvana havia sido presa novamente por ter sido encontrada bêbada pela Polícia depois das 22 horas, não mais por assalto. A reportagem terminava afirmando que Silvana perdera a conta do número de homens com quem transara e que seu único arrependimento era ter matado Cleide.³⁰

Além de certos pontos falhos e informações contraditórias da reportagem, há evidências de repreensão do início ao fim do texto, que buscava enfatizar os desregramentos de Silvana, a culpa, o arrependimento, as confissões de erros cometidos na vida. A descontrolada assassina e ladra aos poucos passava para as posições-de-sujeito presidiária, doente, arrependida, perseguida. De criminosa, Silvana começava a transitar e se tornar vítima. Um dia depois, novas imagens de Silvana passam a ser divulgadas. De cabelos mais curtos, escuros, ela sorri de uma janela em uma foto; em outra, olha para o horizonte, comportadamente sentada no jardim, rodeada de flores, enquanto era informado que, por falta de estrutura, estava suspensa a coleta em massa de sangue no presídio.³¹

Em 18 de março, o jornal noticiou que presos e funcionários da Cadeia Pública teriam aulas sobre AIDS e aprenderiam a lidar com Silvana, que retornaria ao presídio.³² Em abril, Silvana voltou para as páginas policiais. Em foto com a legenda *Silvana transmitiu vírus*, a reportagem discorria sobre um detento que confessava ter transado com ela, mas cujo primeiro resultado do exame para detectar HIV dera negativo, finalizada afirmando serem as maiores especulações para saber com quantos presos Silvana transara nos nove meses em que estivera presa.³³

Sem ao menos consultar suas próprias notícias já divulgadas, em junho de 1988 o jornal afirmava que tanto Silvana quanto Malvina teriam cometido o assassinato de Cárída desferindo, ambas, golpes com uma pedra de 6 quilos, em uma briga causada por um ponto de prostituição na Rua Tiradentes, e que os exames de Silvana para detectar o

³⁰ ROCHA, Silvana. Travesti com AIDS teme ser morto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 mar. 1988, p. 09.

³¹ Só fará teste preso que quiser. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 12 mar. 1988, p. 03.

³² Presos aprendem a lidar com AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 mar. 1988, p. 08.

³³ Mais um presidiário pode estar com vírus da AIDS. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 abr. 1988, p. 39.

vírus da AIDS teriam dado negativos. Talvez a única informação coerente tenha sido a de que seus julgamentos haviam sido adiados.³⁴

No final de novembro de 1988, Malvina foi absolvida por omissão de socorro. Nesta data, o jornal atribuiu o início da briga que culminou na morte de Cárida à Silvana.³⁵ Aproveitando o fato, em dezembro o periódico trouxe uma reportagem de página inteira sobre as agruras de Silvana na prisão. Ela voltara a ter AIDS, mas desta vez certamente contraíra por participar de reuniões com várias pessoas para aplicar cocaína. Beneficiada com prisão domiciliar, mas rejeitada pela família devido a condições precárias de vida, como inexistência de banheiro na casa onde moravam, a debilitada e solitária Silvana sonhava apenas em tomar um remédio para crescer o peito e morrer como mulher.³⁶

Personagem para quem o *Diário Catarinense* impôs diversas representações, várias foram as Silvanas criadas pelo periódico em notícias que apresentaram versões fragmentadas, desconexas e muitas vezes contraditórias sobre esta sujeita e sua vida, suas práticas, sua doença e seus vícios. Notícias híbridas³⁷ que construíram efeitos de verdade a partir de um misto de informações policiais, jurídicas, médicas, julgamentos e condenações morais prévios e generosas doses de criatividade e imprecisão, o jornal *Diário Catarinense* encontrou em Silvana uma rica fonte para espetacularização sensacionalista, explorando o fascínio pelo extraordinário, o vulgar e corriqueiro, distanciando leitura e realidade ao mesmo tempo em que proporcionava comicidade, tragédia, choque, atração, ao produzir informações que intensificaram gráfica, temática, linguística ou semanticamente o desvio, a aberração, o oculto e ao mesmo tempo

³⁴ Adiado o julgamento dos dois travestis homicidas. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 jun. 1988, p. 37.

³⁵ Travesti julgado por crime foi absolvido. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 dez. 1988, p. 37.

³⁶ CASARA, Marques. Drama de um travesti confinado na cadeia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 04 dez. 1988, p. 45.

³⁷ Termo utilizado de acordo com a conceituação latouriana sobre as notícias encontradas diariamente em todos os jornais. Para tal, ver: LATOUR, Bruno. Crise – A proliferação dos híbridos. In: _____. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 7-8.

próximo, o obsceno e proibido, mas por vezes desejado e invejado.³⁸ Ou, em outras palavras, Silvana: assassina, prostituta, aidética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, **Diário Catarinense** [1986-].

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. Introdução - Apresentação do Problema. In: _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993, p. 1-50.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

LATOUR, Bruno. Crise – A proliferação dos híbridos. In: _____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 7-8.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 84-93.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

³⁸ Para tal, ver: PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001, p. 52.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo**: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). 2010. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2010, p. 86-87. Disponível em: < <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0370-D.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.